

PERFIL // ROGÉRIO ROSSO

CORREIO BRAZILIENSE

22 AGO 2004

Um candidato em construção no comando da cidade do DF que reúne o maior número de eleitores

Aposta na Ceilândia

ANA MARIA CAMPOS

DA EQUIPE DO CORREIO

Sexta-feira, 16h30. Crianças brincam na terra vermelha, em frente aos barracos de madeirite na QNR 2 da Ceilândia. Duas filas se formam com famílias que passam fome e esperam algum tipo de assistência, da comida a um pedaço de chão. Um caminhão chega à invasão abarrotado de verduras. Com chapéu de cowboy, óculos Gucci e bota de bico fino, a empresária Karina Cury Rosso, 33 anos, comanda a distribuição dos alimentos. Paciente, ouve um a um.

Nos últimos 15 dias, a cena já se repetiu várias vezes. Enquanto a herdeira de uma das maiores fortunas do Centro-Oeste dedica-se à caridade, seu marido, Rogério Rosso, 35, o novo administrador da cidade, anda pelas ruas, passeia pelas feiras, ouve as reivindicações dos moradores e promete providências imediatas.

Bonitos e bem-sucedidos, marido e mulher apostam todas as forças nas melhorias da cidade — a maior, mais populosa e com maior número de eleitores do Distrito Federal.

Com o aval do governador Joaquim Roriz (PMDB) para trabalhar livremente na cidade que já definiu eleições importantes, Rosso atua como prefeito. Anda com desenvoltura pelas ruas, com a camisa para fora da calça e botina. Mandou pintar meios-fios, tirar o entulho do lixo e organizou o lava-jatos dos cavalos usados pelos carroceiros. Liga para secretários e funcionários do governo, pede providências e não enfrenta resistências para ser atendido. Simpático, chama os amigos de "senador".

Não à toa ele tem despertado a atenção — e o ciúme — de políticos de todas as frentes. Ninguém tem dúvidas de que existe ali um candidato em construção. Na base governista, vários distritais reclamam do prestígio do administrador da Ceilândia na residência oficial de Águas Claras. Entre parlamentares da oposição, há o receio de que um novo adversário surja no grupo de Roriz, com pretensões de disputar as próximas eleições. "Não sou candidato a nada. Sou técnico", jura Rosso.

Formado em Direito, com especialização em Marketing, Rogério Rosso nasceu no Rio de Janeiro, mas cresceu na Asa Sul, numa família de classe média. Fala inglês, italiano e espanhol. Começou a trabalhar aos 16 anos, como digitador, e aos poucos progrediu na vida profissional. Foi gerente da Mercedes Benz e diretor do Grupo Fiat. Em 2001, assumiu por um ano a vice-presidência da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Em 2002, entre assumir um cargo da Fiat na Itália ou no México, optou por ficar em Brasília, no governo Roriz.

Cadu Gomes



“

NÃO SOU CANDIDATO A NADA. SOU TÉCNICO

Rogério Rosso, administrador da Ceilândia

”

Depois de uma viagem de 10 dias à Europa junto com o governador, Rosso assumiu há duas semanas a administração da Ceilândia. Poucos secretários e presidentes de empresas deixaram de participar da festa de posse. O entusiasmo de Rosso com a nova função é notório. Está sempre bem-humorado, trabalha 12 horas por dia, faz planos e elege prioridades. Quer criar um shopping popular para transferir a um local adequado da cidade os cerca de 1,5 mil ambulantes — a quem chama de "empreendedores ambulantes".

O administrador que já rodou o mundo está impressionado com a falta de cinemas e áreas de lazer para a classe média. Por isso, quer implantar também o primeiro shopping center com lojas de grifes famosas, para satisfazer os 450 mil habitantes da Ceilândia. Além da expansão do metrô, que deve estar concluída em julho do ano que vem, um outro projeto o entusias-

ma: a construção de um cemitério. "Já estão me chamando de Odorico Paraguassu", brinca referindo-se ao prefeito da fictícia Asa Branca, personagem vivido pelo ator Paulo Gracindo na novela *O Bem Amado*.

Na Ceilândia, Rosso tem vivido novas experiências gastronômicas. Filho de um chef de primeira e padrinho de casamento do casal Liliane Roriz-Rodrigo Sanchez, proprietários do restaurante I Maestri, Rosso agora tem almoçado com frequência na barraca "Kome In Pé", na Feira Central da cidade. Só varia o prato: sarapatel, baião de dois ou rabada. A agenda cheia o impede de fazer as refeições no seu apartamento de 240 metros quadrados na 314 Sul.

Para facilitar o dia-a-dia, Rosso tem endereço na Ceilândia. Alugou um imóvel de 55 metros quadrados no Edifício Valéria, na QNM 12, lote 35. Os móveis, conta o administrador, foram comprados na própria ci-

dade. "Passo a semana aqui (Ceilândia) e só volto para o Plano Piloto no fim de semana", diz.

O entusiasmo com a cidade é compartilhado pela mulher. Desde que Rosso assumiu o cargo, a primeira-dama da Ceilândia deixou de lado a diretoria de Varejo do Grupo Curinga. Karina é braço direito do pai, Roberto Cury, no grupo, um dos maiores re-

vendedores da Goodyear da América Latina. Agora ela passa a maior parte do tempo na cidade administrada pelo marido. Lá engravidou do terceiro filho, a oitava gestação nos 10 anos de casamento. "Karina quer fazer todo o pré-natal no Hospital regional da Ceilândia", garante Rosso, pai de Roberta, 3 anos, e Karen, um. "E o bebê também pode nascer aqui".

Amiga íntima de Liliane, a filha caçula do governador Roriz, Karina é uma das maiores entusiastas da carreira política do marido. Próximo da família Roriz, Rosso entrou